

ANNO I S. Paulo, 1 de Julho de 1901 N. 27



ALBUM

DAS

MENINAS



REVISTA
literaria e educativa
dedicada ás
JOVENS BRÁSILEIRAS



PROPRIEDADE
DE
Analia Emilia Franco

Endereço: LARGO DO AROUCHE, 58



S. Paulo, Typ. Andrade & Mello--Rua do Carmo, 7



Uma Vida Modelo

XXI

Na quinta-feira 13 de *nisan* começava em Jerusalém a festa da Paschoa pelo banquete em que se comia o cordeiro, continuando ainda por sete dias mais essa solemnidade na qual se comiam pães azimos. Nesse mesmo dia perguntaram os discipulos a Jesus onde pretendia celebrar a festa da Paschoa, cordeiro e azimos que era a mais celebre das solemnidades judaicas.

Christo disse então a Pedro e a João que fossem á cidade onde encontrariam um homem que levava ás costas uma bilha de agua, que o seguissem e na casa onde elle entrasse avisassem ao dono que tencionava ahi celebrar a festa d'aquella Paschoa, para a qual desejava que desse todas as providencias necessarias.

Tendo os discipulos encontrado tudo como o mestre lhes dissera, o dono da casa, que era assaz rico e muito amigo de Jesus, concedeu-lhe para a solemnidade da festa uma grande sala muito bem ornada e paramentada.

Chegando alli Jesus com sua mãe, os discipulos e discipulas, logo após a ceia do cordeiro com todos os ritos e cerimoniaes prescriptas pela lei de Moysés, declarou aos discipulos que com aquella ceia se acabavam os ritos da lei antiga, substituindo-se por outro que ia ser o sacrificio por excellencia, o acto constitutivo da nova alliança, o signal de sangue derramado para a salvação de todos. Em seguida cingiu-se com uma toalha grande, encheu uma bacia com bastante agua e lavou os pés aos discipulos attonitos ante aquelle exemplo de tão sublime humildade.

Depois mandou retirar a mesa da ceia legal sendo posta em seu lugar outra com vinho e pães azimos que partiu em diversas partes e offereceu aos seus discipulos.

O pão e o vinho postos em relação com a sua morte foram a imagem do novo Testamento que ia sellar com os seus soffrimentos, commemorando assim o sacrificio de Christo.

Elle sabia com toda a exactidão o momento de sua morte e que aquelle banquete symbolisava a sua despedida e por isso, diz-se que a sua alma serena e forte sentia-se leve debaixo do peso das sombrias preoccupações que o cercavam, deixando que o amor terno em que ardia o seu coração pela humanidade transbordasse n'esse momento.

Cada um dos discipulos expunha claramente á refeição as suas recordações mais queridas e as acções e palavras affectuosas do mestre, que se lhes gravara na lembrança, tornando-se essa ultima ceia a pedra angular da fé christã, e a base d'onde partiriam as mais fecundas instituições.

Nessa ceia Jesus deu mostras da suas preferencias com affectuosas exhortações a todos sobre o alto sentimento de amor, de concordia, de caridade e de mutua deferencia.

João, o discipulo amado, que se sentara ao lado do mestre, o escutava attentamente com a cabeça encostada a seu peito. No fim da refeição Jesus disse:

«Em verdade, vos digo, que um de vós me trahirá». Não se póde imaginar o assombro e angustia que causaram aquellas palavras nos sinceros corações dos discipulos.

Olharam uns para os outros, em interrogações mutuas. Judas estava presente; mas não se turbou nem deixou descobrir no ar embaraçado a confissão da sua perfidia, antes perguntou como os outros:

—Serei eu, rabbi?

Pedro, sentindo-se em torturas, fez signal a João para que indagasse de quem era que o mestre fallava. João sem ser ouvido pediu-lhe a chave do enigma.

Jesus só disse a João que notasse bem a quem ia offerecer o pão molhado.

Assim fallando, molhou o pão e offereceu a Judas. Só Pedro e João tiveram então o conhecimento do facto.

Judas, depois de ter assistido á ceia, retirou-se d'alli resolvido a ajustar com os escribas e phariseus a prompta entrega de Christo, cuja prisão foi decidida como alto sentimento de ordem e de policia conservadora presidida a todas as medidas.

Obtendo soldados e quadrilheiros dos Pontifices com archotes e armas, deu-lhes todas as indicações necessarias e se encarregou de capitanear a escolta que devia fazer a prisão.

Jesus, segundo o seu costume, acompanhado por seus discipulos, dirigiu-se, já á entrada da noite, para o jardim de Gethsémani ao pé do monte Olivete, onde se pôz em fervorosa oração. Antes, porém, fallando a Pedro, João e Thiago, que ficaram com elle, disse:

—A minha alma está sentida de mortal tristeza. Ficae aqui, e velae commigo.

Depois, adiantando-se alguns passos, orou ao eterno Pae dizendo:

—Pae, si é possivel, afastae de mim este calice; não se faça porém a minha vontade, mas a vossa.

No meio da sua profunda agonia appareceu-lhe então um anjo para o confortar.

Tornando para os discipulos, achou-os a dormir.

—Não pudestes vigiar commigo nem uma hora? disse-lhes em seguida: Velae e orae para não serdes vencidos

de tentações, porque se o espirito está prompto, a carne sempre é fraca.

E retirou-se a orar de novo, exclamando:

—Pae, si este calix não póde passar-se sem que eu beba, seja feita a vossa vontade!

E voltando em seguida aos discipulos, disse-lhes:

—Agora dormi e descançae, é chegada a minha hora. Levantae-vos e vamos encontrar o trahidor. Era noite fechada quando avistaram, á luz de archotes, uma escolta armada.

Judas adiantou-se então e deu um beijo no mestre como signal de sua traição.

Pedro tomou da espada e feriu uma orelha de um servo do summo sacerdote chamado Marco, que se apresara para prender a Jesus.

Este susteve o movimento do discipulo e entregou-se aos soldados.

No momento que a escolta apoderou-se de Jesus todos os discipulos atemorizados o desampararam.

Só Pedro e João não perderam de vista o mestre.

Seguia-o tambem um mancebo, mas quando o quiseram prender escapou-se deixando a sua tunica entre as mãos dos agentes.

Diz-se que Maria Santissima, por uma visão interior de sua alma privilegiada, vira tudo quanto se passava no Horto, e ao contemplar o filho querido preso e manietado entre os seus inimigos, sentiu tão dolorosa angustia que o coração se deluiu em lagrimas, communicando ao mesmo tempo a triste nova ás suas santas companheiras, que a receberam entre gemidos e soluços.



A Egide Materna

ROMANCE DE COSTUMES

POR

ANALIA FRANCO

~~~~~  
(CONTINUAÇÃO)

## IV

O padre Felizardo Gomes era filho primogenito d'um abastado fazendeiro de Corytiba, que não deixava de ter bons titulos de nobreza, herdados dos fidalgos dos bons tempos coloniaes. Dos muitos filhos do fazendeiro, apenas existiam dous—Felizardo e Arlindo, 12 annos mais moço do que o irmão. O primeiro abraçou a carreira ecclesiastica, não só por vocação, como talvez mais ainda por satisfazer ao desejo que manifestara sua mãe de ouvil-o cantar a sua primeira missa, e, de facto, poucos mezes depois d'estê acontecimento, ella deixava de existir.

Arlindo, que fôra sempre o idolo do fazendeiro, em breve veio a causar-lhe os maiores desgostos pelas suas estroinices e prodigalidades. Emquanto durou a fortuna do pae, apesar dos conselhos d'este e dos bons exemplos do irmão mais velho, nunca quiz se occupar em cousa alguma, levando uma vida de bohemio.

Logo, porém, que se dissiparam os bens do fazendeiro, não quiz mais permanecer na cidade, que fôra theatro da sua existencia ociosa e desordenada, e afundou-se nos sertões do Paranapanema, d'onde nunca mais voltou. Ralado pelos desgostos, o fazendeiro veio a fallecer pouco tempo depois, na companhia do filho mais velho.

Em seguida á morte do pae, Felizardo tomou conta da parochia de Cananéa, que então se achava vaga. Como era muito benevolo e de affavel apparencia, em breve tempo conseguiu a estima de todos os seus parochianos. Sem parentes, nem protecção fez a sua carreira distinguindo-se pelas suas virtúdes de modo que mereceu sempre os encómios dos seus superiores ecclesiasticos. O seu nome, apesar da modestia com que procurava sumir-se na obscuridade, brilhava como um dos mais virtuosos e distinctos sacerdotes d'aquelle tempo. Os visinhos da localidade, que viam affectuosamente o seu vigario, faziam quanto podiam para tornar-lhe a vida livre de cuidados materiaes no meio d'elles. Assim, pois, á expensas de todos, construíram-lhe uma bella e vasta casa de campo n'um ponto aprasivel nas proximidades da villa. Além disso não se fazia matança em casa alguma sem que lhe enviassem o seu quinhão de toucinho e carnes. No tempo das colheitas os lavradores presentavam-n'o com os productos das suas fazendas, e os menos abastados contribuíam com uma boa provisão de aves, leite e queijos, tendo sempre a despensa bem abastecida, graças á benevolencia geral que inspirava as suas virtúdes. Felizardo longe de se desvanecer com tantos favores e provas de amisade, dizia:

—Tudo isto devo á bondade de Deus, que me manda o centiplo das minhas necessidades para que distribua aos mais pobres da parochia.

O certo é que o vigario sabia corresponder a tantos obsequios, não só velando com especial cuidado pelos pobres e enfermos, como sendo para com todos em extremo serviçal e complacente. Graças á sua inexgottavel caridade, unida a um nobre character, que lhe não permittia enthesourar, mas dar tudo quanto tem aos necessitados, elle conseguira ganhar o coração de todos.

Era alto, de porte distincto, tendo a fronte trigueira espaçosa e bem coroada de cabellos brancos. Na vivacidade do seu olhar, reflectia-se a bondade indulgente sempre

disposta a perdoar. A sua razão esclarecida pelo estudo, pela meditação e pela pratica das virtudes, apontava-lhe como supremo ideal a lei Evangelica, da qual sabia extrahir a sua preciosa essencia, tendo sempre como o divino Mestre uma infinita piedade para as fraquezas humanas, desculpando-lhes as quedas e lhes aconselhando quando podia, sem desdem e com aquella doçura e suavidade meiga que nunca deixam de produzir beneficos effeitos.

Sinceramente crente, sem laivos de fanatismo, a sua fé se avigorara e robustecera na doutrina Evangelica com uma percepção lucida e completa do seu destino futuro na larga claridade benefica do Bem, estabelecendo uma harmonia mais ou menos perfeita entre a idéa que formava dos seus deveres sacerdotaes e a sua manifestação pratica visivel. A sua alma entusiastica e sinceramente crente era inacessivel á duvida. Para elle nada havia de extraordinario, nem mesmo o milagre, visto que o andar de todas as cousas é conforme o seu modo de pensar o resultado da vontade livre de Deus.

Conhecendo a fundo o coração humano, sabia o segredo de immobilisar por vezes os arrojios nefastos das paixões inconfessaveis, sem jámais pensar em condemnar ás penas eternas aquelles que, suffocados pela atmosphera corrupta em que viviam, despresavam os sabios preceitos de Christo e zombavam dos seus conselhos, da sua paixão pelo dever e da sua dedicação para os infelizes, que considerava como a suprema lei de amor.

Desde que viera a Cananéa só vira o irmão por duas ou tres vezes, sabia, porém, que elle casara-se e possuia muitas fazendas no Paranapanema e que tinha tambem muitos filhos e filhas todos casados. Passavam-se os annos e Felizardo continuava na sua modesta existencia, tendo por famulos dous pretos libertos que pertenceram a seu pae e uma parda velha por nome Generosa, mãe dos libertos.

Todos os dias, logo ao despontar da aurora, dirigia-se para a egreja, onde se reuniam alguns freguezes mais de-

votos, e depois d'uma breve exhortação, em que lembrava-lhes os seus deveres para com Deus, a familia e o proximo, dizia a missa, attentamente ouvida por todos, retirando-se em seguida para a casa, emquanto que os seus parochianos tomavam os seus trabalhos diurnos, promettendo no seu intimo cumprirem fielmente os preceitos do bom parochio. Um dia, em que, como de costume, voltava da sua missa matinal, encontrou-se inesperadamente com o irmão, que o esperava em casa, vestido de lucto e trazendo consigo um interessante menino de nove annos mais ou menos.

Os dous irmãos se abraçaram com effusão, e depois dos primeiros transportes de alegria, Felizardo, fitando attentamente o rosto magro e requeimado do irmão, em cuja frente se divisava os cabellos já grisalhos, exclamou:

—Como estás velho e acabado, meu querido irmão!... mas por quem é esse lucto que trazes?

—Tenho soffrido muito n'estes ultimos annos em que não nos vêmos. Sou rico, é verdade, mas bem pouco feliz. Os meus filhos casaram-se todos e vivem em sítios tão distantes que raramente nos encontramos. Por fim, perdi minha mulher, deixando-me este pequeno em quem concentrei todo o meu affecto.

—Na verdade, é um galante menino, voltou o sacerdote affagando a loura cabecinha raphaelesca do menino; como te chamas, meu sobrinho?

—Euclides, replicou o pequeno, fitando-o com os seus bellos olhos negros rasgados, d'onde se irradiava das pupilas avelludadas uma claridade docemente luminosa atravez das finas pestanas.

Os cabellos crespos ornavam-lhe graciosamente a frente candida, fazendo sobresahir o branco mate do seu rosto oval, delicado e ao de leve colorido. Nos seus labios, em que parecia errar sempre um sorriso um pouco triste para uma creança, descobria-se o branco polido dos dentes pequenos e iguaes.

No olhar, na expressão mobil da physionomia e no

conjuncto de todos os seus gestos, Felizardo reconheceu logo um menino debil, franzino, doentio, mas que rescendia em todo o seu ser o perfume da graça e ingenuidade infantis.

Sentiu desde logo que ia amar perdidamente aquella creança.

—Nem pôdes imaginar, volveu Arlindo, quanto a mãe o queria e ao expirar recommendou-me muito que t'o entregasse para que o eduques nos santos preceitos de nossa religião. Franzino e doentio, como é, não poderia por certo crescer no sertão, ficando de ordinario abandonado entre os meus escravos, visto que os negocios me obrigam a estar sempre fóra de casa. Desejo muito vel-o padre como tu, afim de que tenha uma vida feliz e socegáda.

A estas ultimas palavras o sacerdote sorriu-se e apertando nos braços o menino, disse:

—E eu o aceito como um presente que o céo me enviasse, e hei de educal-o com todo o desvelo; quanto á tua pretensão, veremos mais tarde. Deus nos ha de manifestar quando fôr tempo a vocação do pequeno.

O menino sorriu-se tambem para o tio e desde aquelle momento estabeleceu-se uma corrente de sympathia entre o vigario e o sobrinho, que bem depressa consolou-se da partida do pae dous dias depois.

Após este acontecimento, a existencia de Felizardo continuou a deslizar suave e tranquillã como sempre. Euclides, apesar da sua pouca idade, mostrava possuir todas as bellas qualidades que o faziam amado de quantos o conheciam.

O tio, a velha Generosa e os filhos já não podiam passar sem elle. Euclides era a aurora risonha que illuminava a existencia solitaria do velho parochó; emquanto o menino estava na escola a casa conservava-se triste e silenciosa, mas logo que voltava tudo se reanimava como se tomasse nova vida com a sua presença. Quando fazia bom tempo, depois do jantar sahia com o tio a visitarem alguns

conhecidos e enfermos pobres que mais necessitavam de consolações e auxilios.

O bom sacerdote gostava de ver o sobrinho distribuir as esmolas que para esse fim dava-lhe, exercitando-o assim na pratica da caridade. Aos domingos á tarde instrua o sobrinho e os outros meninos da villa nas verdades do christianismo, seguidas sempre d'uma exhortação e benção aos que na egreja se reuniam.

A physionomia grave e um pouco austera do vigario era attenuada por um perenne sorriso de benevolencia com que a todos acolhia sem distincção.

Se acontecia passar pelas ruas, os moradores da villa se descobriam respeitosos na sua passagem, enquanto que as creanças abeiravam-se d'elle e diziam-lhe :

—A sua benção, *seu* vigario.

—Deus os faça uns santos, respondia o parochio, abençoando as creanças.

—Amem, volviam os paes, olhando com visivel interesse para esta scena, tantas vezes repetida n'aquellas ruas e sempre nova para elles.

Alguns o detinham a pedir-lhe um conselho ou a sua approvação n'um negocio e mesmo alguma esmola.

Felizardo prestava uma paciente attenção a todos que o procuravam e até ás interminaveis queixas das velhas devotas, a contarem-lhe os pormenores, cem vezes repetidos, dos seus achaques e mazellas, sem se lembrarem que o bom sacerdote achava-se na rua, de pé, sem almoço, por vezes exposto aos raios ardentes do sol no pino do dia.

Elle, sem manifestar o menor aborrecimento ou impaciencia consolava-as como podia e ainda lhes dava alguma esmola, com a qual se retiravam satisfeitas.

Entretanto a sua caridade não podia estender-se muito, porque eram tão escassos os rendimentos da parochia, e tantos os necessitados, que só por um milagre providencial chegava para todos.

Pessoa alguma das que conheciam o vigario não passava junto á sua residencia que se não descobrisse respeitosamente, saudando a habitação d'um verdadeiro ministro do Senhor.

Olhavam-n'a como asylo propicio onde se iriam abrigar quando lhes ferisse o infortunio, certos de encontrar sempre um refugio e lenitivo aos seus desgostos.

Quando algum viajante transviado, sem recursos ou conhecimento, apparecia na villa, dizia-lhe logo qualquer transeunte.

—Vá á casa do nosso vigario, que lá encontrará com toda a certeza o agasalho de que necessita.

O peregrino, reanimado, como se visse surgir-lhe a luz d'uma esperanza, para lá se dirigia sem hesitar, sendo cordialmente acolhido. N'aquelle tecto hospitaleiro não só abrigava os viajantes desvalidos, como á sua mesa sentavam-se sempre alguns anciãos desamparados que a caridade inexcedível do sacerdote sustentava. Desde a sua vinda áquella localidade a igreja de S. João Baptista tornou-se mais bella e espaçosa graças aos esforços e incansavel zelo com que elle procurava dar mais brilho e magestade ao culto Divino.

Durante o anno havia varias festas religiosas, nas quaes reuniam-se na Matriz, graciosamente preparada por suas proprias mãos, não só os moradores da villa, como tambem os lavradores limitrophes, dando mais solemnidade a essas festas.

Quasi desde o começo da sua existencia n'aquella villa, os seus habitantes tornaram-se mais trabalhadores e mais zelosos no cumprimento dos seus deveres, de modo que a fama da paz que alli reinava attrahiu as atenções dos moradores dos lugares visinhos, que vieram fixar a sua residencia na villa e seus arredores, vivendo todos na maior harmonia e cordialidade.

Succediam-se os annos, sem que neuhum acontecimento notavel viesse alterar o placido viver do bom sacerdote.

Era só quando o irmão vinha annualmente visitar o filho, que se quebrava a monotonia do seu viver, porque Arlindo, muito habituado á vida activa e divertida, inventava sempre festas, jantares pescarias, nas quaes obrigava o ancião a tomar parte.

Este, quando não havia algum embaraço do seu santo ministerio, o acompanhava sempre, certo de que o Divino Mestre tambem frequentava jantares e divertimentos, sem que por isso deixasse de ser justo e santo.

Com o correr dos annos, a unica differença que se nõtou n'aquella modesta vivenda de paz, é que as arvores que Felizardo plantara com as suas proprias mãos, cresceram muito e formaram em volta da casa, uma agradável sombra de extensas avenidas, até confinarem com um prado verdejante, em cujas orlas deslisam-se as aguas crystallinas d'um rebeiro, servindo de limite ás suas terras, que eram pouco consideraveis. No pequeno campo pastavam algumas rezes, carneiros e um nedio burro, companheiro inseparavel nas suas excursões pelas cercanias de Cananéa, quando era chamado para os exercicios das confissões e extrema unção. Na margem do ribeirão via-se uma casinha coberta de sapé onde residia um velho pescador com sua mulher.

Anselmo, tal era o seu nome, cuidava das poucas creações do vigario e quando achava-se desoccupado tomava as suas rêdes, soltava a canôa e ia pescar, enquanto Lucia sua mulher tratava dos arranjos da casa.

O pescador, logo que deitava as suas rêdes, dizia a si mesmo :

—O primeiro peixe que cahir nas rêdes é para *seu* vigario.

Era uma crença firme no singelo coração d'aquelle ingenuo pescador, que, em promettendo a primicia de sua pescaria ao bom sacerdote, acontecia sempre lhe cahir nas rêdes em primeiro lugar o maior e mais bello peixe de quantos pescasse n'aquelle dia. Seja como fôr, o que é certo porém é que, ou fosse pela sua fé, ou pelas virtudes do vigario, o resultado era sempre infallivel.

Quando voltava para a casa, dizia á mulher :

—Está aqui separado o peixe de *seu* padre vigario. Olhae que é o maior e o mais bonito de todos.

—Vae levar emquanto está fresquinho, volvia a Lucia admirando o peixe e sorrindo-se satisfeita.

O Anselmo tomava então uma haste de cipó, dependurava n'ella o peixe e, apoiado no seu cajado, seguia para a casa do vigario, assobiando contente as suas cantigas predilectas.

Alli chegando, entregava-o ufano á cosinheira Generosa, como se fôra um trophéu alcançado em custosa victoria.

—Olhae, mamã Generosa, aqui trouxe o que pesquei hoje p'ra *seu* padre vigario. Isto é que é mesmo um gosto. Quando eu digo, cá com os meus botões, o primeiro peixe é de *seu* padre, é zás e tráz. Nunca se viu uma cousa assim. Bem diz lá a minha Lucia que a alma d'elle já anda pelo céo em vida. Pois se me acredita, ella já faz promessa p'ra alma de *seu* vigario.

—Credo! figas! cruces! Não me diga isto, *nhô* Anselmo, parece mesmo um agouro, volveu a parda benzendo-se. Deus permitta que elle não morra tão cedo. Olhe, sabe o que mais? *vancê* diga a *nhá* Lucia que deixe d'essas babuseiras que podem muito bem virem a acontecer. Tanto se falla uma cousa que os anjos dizem no céo amem... e então aquillo acontece mesmo. Que grande desgraça seria se *seu* vigario viesse a morrer e demais a mais sem ter ainda ordenado o sobrinho para ficar em seu lugar?

—Isso lá é verdade, obtemperou o pescador com a sua voz grave e lenta. Eu hei de dizer a Lucia que não me ande a agourar o *seu* padre vigario, porque, não ha duvida nenhuma, se elle se fôr desta para melhor, nunca mais pisará n'esta villa outro vigario como *seu* padre Felizardo Gomes.

—Não ha que vêr, pelo menos se até lá seu Euclides não se tiver ordenado. Só elle, *nhô* Anselmo, é que poderá substituir ao tio e mais ninguem n'este mundo... mas olhe,

não fallemos mais nisto, porque é o mesmo que me dêsem um nó na garganta.

Ambos mudaram logo de assumpto, e Generosa passou a contar as graças do pequeno Euclides, que se tornára a menina dos seus olhos.

Quando acontecia o vigario encontrar-se com o pescador, dava-lhe uma boa gorgeta e a sua benção, que era o que mais alegrava o coração rude, mais sincero e leal de Anselmo.

Euclides ia muitas vezes só ou com o tio á choupana do pescador, e é bem facil imaginar-se a alegria que elle e sua mulher experimentavam em hospital-os por algumas horas no seu modesto albergue, onde lhe offerciam tudo quanto tinham de melhor.

O vigario tambem frequentava com o sobrinho a casa de Reginaldo, que era muito amigo de ambos.

Euclides, porém, não encontrou-se nunca com Alcina, que tinha ido para o collegio alguns mezes antes de sua vinda para a casa do tio; mas a lembrança da menina profundamente gravada na memoria d'essa familia, que d'ella fallou sempre, despertou no coração do menino uma d'essas sympathias que ás vezes se origina em nós por um ente de quem apenas se conhece o nome. Com Esaltina elle aprendeu a soletrar as primeiras garatujas que Alcina, do collegio, escrevia á sua companheira da infancia, á guisa de carta e naturalmente deixou-se repassar do grato influxo do sentimento que ella exprimia pela irmã adoptiva.

Assim decorreram quasi cinco annos, quando, uma tarde inolvidavel para quantos amavam Euclides, deixou entre lagrimas e soluços aquelle feliz remanso onde tão facilmente se habituára a viver.

Aconteceu que, achando-se Arlindo gravemente doente mandou buscar o filho, a quem muito desejava vêr nos seus ultimos momentos.

Escapando por fim da molestia, foi ao Rio de Janeiro consultar as summidades medicas, por receiar a repetição do mesmo incommodo, e alguns mezes depois resolveu-se a fixar alli a sua residencia, na companhia do filho, que não voltou mais para Cananéa.

Escreveu uma longa carta ao irmão sobre a resolução que havia tomado de residir n'aquella capital e de encaminhar os estudos do filho para a carreira da medicina.

Havia já sete annos que Felizardo fôra inesperadamente privado da companhia d'aquelle sobrinho a quem tanto amava, tendo por unico consolo ás suas saudades as extensas e affectuosas cartas que d'elle frequentemente recebia, e nas quaes não se esquecia de nenhum dos conhecidos mais intimos. Quasi uma lauda do papel era occupada com os seus nomes. A velha Generosa sentia o maior praser com a leitura d'essas cartas, e em seguida ia jubilosa nas casas das pessoas conhecidas levar-lhes as recommendações do sobrinho do vigario, começando o seu itinerario pela casa de Reginaldo, cuja familia era especializada em primeiro lugar.

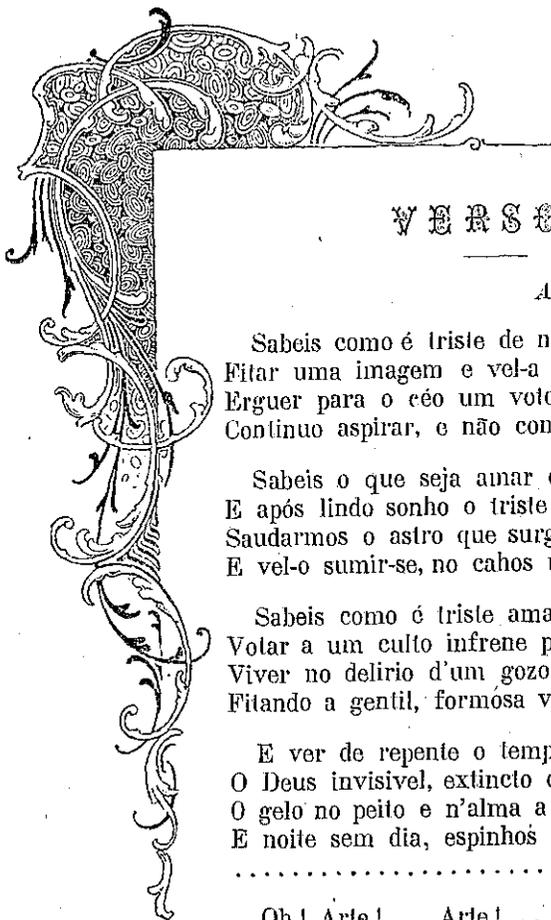
Após esta longa digressão, volvamos ao vigario, que deixamos em frente á afilhada.

Recostando-se na sua grossa bengala, elle permaneceu por alguns instantes extasiado á vista da formosura e graças da joven, que, sem saber porque, evocava-lhe fundas saudades do sobrinho. E' que, sem duvida, na sua clarividencia de justo descobrira nos olhos tão puros e tão ingenuos da afilhada, na fronte já pensativa tão calma á luz de céo, esse laço invisivel, essa affinidade mysteriosa, indefinivel e intima que devia existir entre a alma da afilhada e do sobrinho, apesar das separações e distancias.

E ainda mais o corroboraram n'este pensamento a inflexão meiga da sua voz e as expressões dos seus sen-

timentos, divisando em tudo uma perfeita analogia com o que lhe escrevia o sobrinho.

O resultado d'esta primeira entrevista e a impressão por que o bom sacerdote se sentia dominado, serão o objecto do seguinte capitulo.



## VERSOS

*A Cezar de Lemos*

Sabeis como é triste de noite e de dia  
Fitar uma imagem e vel-a fugir?  
Erguer para o céo um voto incessante;  
Continuo aspirar, e não conseguir?

Sabeis o que seja amar o impossivel?  
E após lindo sonho o triste acordar?  
Saudarmos o astro que surge radioso,  
E vel-o sumir-se, no cahos resvalar?

Sabeis como é triste amar febrilmente,  
Votar a um culto infrene paixão,  
Viver no delirio d'um gozo ineffavel,  
Fitando a gentil, formôsa visão?

E ver de repente o templo sem luzes,  
O Deus invisivel, extinto o fulgor;  
O gelo no peito e n'alma a descrença,  
E noite sem dia, espinhos sem flôr!

.....

Oh,! Arte!... Arte!... minha ideal amante,  
Por ti eu choro e suspiro em vão!  
Acreditei ser teu, suppuz-te minha...  
Eras miragem, ou fallaz visão!

GUIOMAR TORREZÃO.

~~~~~

Esta Revista, que se publica uma vez em
cada mez, sera distribuida gratuitamente a to-
das as escolas publicas do sexo feminino deste
Estado.

~~~~~